

SOCIEDADE

Médicos Sem Fronteiras dão ajuda psicológica a favelados

Entidade internacional ajuda moradores de Vigário Geral a enfrentar ambiente hostil

ROBERTA JANSEN

RIO — Enquanto esperam que seus filhos sejam atendidos pela equipe de profissionais de saúde da entidade Médicos Sem Fronteiras, as mães de Vigário Geral reúnem-se com a psicóloga Cynthia Ozon Boghossian para conversar. Ela propõe um tema: "Vamos falar sobre saúde". Nem é preciso ser psicólogo para perceber, por meio dos relatos, qual é o problema mais sério que atinge os moradores da favela.

"O ambiente não ajuda", é a primeira coisa que as mães dizem. E elas não estão se referindo à falta de saneamento básico, uma grande carência da comunidade. "Minha filha, de 2 anos, mal consegue dormir", conta Rosana, mãe de dois filhos. "Quando ouve o barulho dos tiros grita, grita muito e fica completamente apavorada", acrescenta a dona de casa. A narrativa provo-

ca lembranças em outras mães. "Quando tem blitz da polícia minha filha de 13 anos entra em pânico e se esconde na laje da casa", relata Sílvia, mãe de seis meninas. O fantasma da chacina de agosto de 1993, em que 21 pessoas foram assassinadas, paira sobre as conversas. "Depois daquilo a gente até perdeu um pouco da fé", lamenta Rita, enquanto abraça o filho.

No diagnóstico prévio feito para a criação do atendimento psiquiátrico, o assistente social Marcelo Garcia, responsável pelo ambulatório, aponta as diarreias e as tremedeiras como os principais sintomas da violência nas crianças. "Sofrer dos nervos é a expressão que os adultos usam para definir seus problemas", conta Garcia. Pelo menos 90% das pessoas entrevistadas por ele alegam "sofrer dos nervos" em função da violência. Caio Ferraz lembra do caso de uma senhora que morreu de derrame cerebral fulminante lo-

go que ouviu o barulho de um helicóptero da polícia que sobrevoava a favela. "Vivemos com medo", resume Sílvia.

A Casa da Paz fica no local onde uma família inteira de evangélicos foi morta na chacina. Em frente, onde está sendo construído um ambulatório, era o bar, no qual outras sete pessoas foram assassinadas. O lugar é passagem obrigatória para todos os moradores de Vi-

gário Geral por ser o principal acesso à passarela, que passa sobre a linha do trem, única saída da favela. "Se a polícia fecha a passarela, é um pânico total, porque ninguém pode sair", explica Caio Ferraz. A ausência de

saídas e a lembrança da chacina aterrorizam os moradores. "Sinto uma coisa ruim quando passo por aqui", conta Rita. "Mesmo que um dia a violência acabe em Vigário, não dá para esquecer, não tem como esquecer a chacina", resume Rosana.

LEMBRANÇAS
DA CHACINA
AINDA ESTÃO
VIVAS